



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS
SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

SANDRA ZENALDE DA SILVA

O MÉTODO NATURAL E O GRAFISMO

BRASÍLIA
2007

SANDRA ZENALDE DA SILVA

O MÉTODO NATURAL E O GRAFISMO

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para a conclusão do curso.
Orientadora: Doutora Maria Eleusa Montenegro.

BRASÍLIA
2007

Dedico esta monografia a Deus que nos permite sonhar e escolher o caminho da vida em busca da vitória.

Morreu por mim...

Deixou seus sonhos para que eu sonhasse, derramou lágrimas para que eu fosse feliz, perdeu a vida para eu viver.

Acreditou em mim, apesar dos meus erros.

Ser educador é ser um poeta do amor, jamais esquecer que eu levarei para sempre um pedaço do seu ser dentro do meu próprio ser..,

AGRADECIMENTOS

A Deus pelas oportunidades que me deu para alcançar e realizar os meus sonhos.

Aos professores que me orientaram a todo o momento, Maria Eleusa Montenegro, Sayne Veloso e Ana Regina Mello Salviano.

Ao meu filho Nathan da Silva Brillantino que me faz sonhar e seguir em frente.

A minha mãe Maria Eunice da Silva, pelo carinho e incentivo que me fez tornar uma pedagoga consciente e dedicada.

A minha amiga Andressa Kelly dos Santos Veras que fez a digitação e acompanhou o desenvolvimento desse trabalho.

E a todos aqueles que participaram indiretamente para que esse trabalho fosse realizado.

O desenho estabelece a ligação entre o mundo objetivo e a imaginação, entre a realidade e o sonho.
Entre o universo individual e o universo social.

Ferreira Gullar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA	11
3 PROBLEMATIZAÇÃO	12
4 OBJETIVOS	13
4.1 OBJETIVO GERAL	13
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
5.1 A CRIANÇA	14
5.2 O GRAFISMO INFANTIL	15
5.3 O DESENHO DA CRIANÇA	19
5.4 ETAPAS DO RABISCO	19
5.5 AS ETAPAS DO DESENHO	21
5.6 A EVOLUÇÃO DO DESENHO	22
5.7 PARAMÊTROS CURRICULARES NACIONAIS	30
5.8 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ARTES	30
5.9 HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL	31
5.10 A ARTE E A EDUCAÇÃO	32
5.11 CONTEÚDOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ARTES	33
5.12 ARTES VISUAIS	34
5.13 CRIATIVIDADE	35
5.14 PEDAGOGIA DE FREINET: MÉTODO NATURAL	37
6 METODOLOGIA	40
6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA	40
6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA	40
6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES	41
6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	41
6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	42
6.5.1 ESPECIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS SELECIONADAS	42
6.5.2 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	42

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE ROTEIRO DE ENTREVISTA	
ANEXO - DESENHOS INFANTIS	

RESUMO

O desenho constitui o modo de expressão própria da criança, uma forma expressiva que possui vocabulário e significações para cada indivíduo. A criança faz a sua relação própria com o desenho, onde demonstra o prazer do gesto, o prazer da inscrição e a satisfação de deixar sua marca, onde o desenho assume um caráter próprio. A abordagem sobre o Método Natural objetiva um desenvolvimento pleno, integral e harmonioso do indivíduo. Baseando-se nesta linha foi realizada esta Monografia, buscando-se verificar como o método trabalha o grafismo no processo ensino-aprendizagem e suas contribuições para despertar a criatividade. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista. Para este estudo foi escolhida uma escola da rede particular de ensino localizada no Lago Norte, Plano Piloto, Brasília, DF que aplica o Método Natural. Esta escola atende a diferentes tipos de clientela e realizam um trabalho de inclusão de criança portadoras de necessidades especiais. Os participantes da pesquisa envolveram uma coordenadora e três professoras atuantes em salas sendo que uma tem licenciatura em artes plásticas, também participaram crianças na faixa etária entre 02 a 12 anos onde foram solicitados desenhos para compor o estudo desta monografia. As categorias escolhidas foram: O Método Natural e o grafismo no processo ensino-aprendizagem, tendo como resultado a importância do desenho, a livre expressão e o desenvolvimento das crianças em diferentes contextos vivenciados. Contribuições do Método Natural para o grafismo. Esta categoria resultou na importância de conhecer o grafismo infantil, diferentes recursos naturais para o desenvolvimento da criança, o ritmo de trabalho e o papel de professor como observador e vigilantes. Diferença do grafismo para outros métodos. O método favorece a livre expressão e dar o devido valor a expressão gráfica respeitando a criança e seu desenvolvimento contribuindo na construção de seu conhecimento. Contribuições do Método Natural à criatividade. Propõe atividades diversificadas, a não imposições das atividades, a livre escolha do material e estimulando o aluno a criar. A interdisciplinaridade no Método Natural é um acontecimento espontâneo, natural pessoal e produtivo, a interdisciplinaridade acontece desde a motivação até a aula passeio.

Dificuldade na aplicação do Método Natural. O Método Natural não é difícil de ser aplicado à dificuldade esta nos educadores pela falta de interesse ou preparação adequada. Sugestões quanto à utilização do Método natural. O respeito à individualidade, a motivação para a criatividade, diferentes propostas pedagógicas, valorização do grafismo independente de sua forma e que de oportunidade para o indivíduo ser criativo e reflexivo produzindo seu próprio conhecimento. Portanto é o momento de se repensar sobre a livre expressão, a criatividade no contexto social é pessoal de cada indivíduo e que tipos de ferramentas deve-se dar aos nossos alunos enquanto professores para a formação da cidadania.

Palavras chaves: Grafismo, Método Natural, Alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

A escolha desse tema ocorreu a partir da necessidade de compreender como a evolução do grafismo acontece e se desenvolve no Método Natural buscando-se, portanto, aprimorar os conhecimentos e a prática docente na relação entre o método natural e o grafismo.

Sabe-se que o desenho constitui o modo de expressão próprio da criança, uma forma expressiva que possui vocabulário e significações para cada indivíduo. Percebe-se que a criança faz a sua relação própria com o desenho, onde demonstra o prazer do gesto, o prazer da inscrição e a satisfação de deixar sua marca, e assumindo um caráter próprio.

O grafismo infantil é uma forma de linguagem para a arte e para a ciência. É, portanto, um instrumento de conhecimento e um meio de comunicação e expressão (DERDKY, 1989). Segundo Piaget (1991), sobre a evolução do desenho como concomitante ao desenvolvimento do pensamento e, principalmente, a evolução do conhecimento sobre o espaço, a criança começa desenhando o que sabe de um personagem ou de um objeto, muito antes de exprimir graficamente o que nele vê, ou seja, na criança da faixa de 5-8 anos seus desenhos são essencialmente realistas na intenção.

O Método Natural tem como objetivo o desenvolvimento pleno, integral e harmonioso do indivíduo. (RIZZO, 1998, p. 49). Esta idéia vai ao encontro da Pedagogia de Freinet (citado por ELIAS, 1997, p.90), que para Freinet o principal fim da educação é o crescimento pessoal, social do indivíduo, elevar a criança ao um Máximo de humanidade, preparando-a não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar o mais possível em conhecimento, num constante desabrochar.

No entanto o desenvolvimento natural da criança é fruto da aquisição exclusiva de tentativa experimental pessoal e vai acelerando na medida em que vai buscando mais recursos. O tateamento experimental segundo (ELIAS, 1997, p.57) é o eixo em torno do qual geram todas as aquisições infantis, ou seja, ações que o indivíduo pratica para chegar às próprias descobertas.

Com essa pesquisa foi possível oferecer, também, subsídios aos profissionais da educação de modo que a criança desenvolva a criatividade e a livre expressão, buscando-se como base a importância do grafismo como suporte para a articulação à prática viva. Os primeiros rabiscos são quase sempre livres, mas aparentemente estimulados pelo adulto, refletindo, portanto, o universo adulto.

É através desta marca que se tem o direito de “ir e vir” e se transformar em movimentos ordenados no Método Natural. Esse processo é contínuo, apesar das diferenças individuais, da sensibilidade e temperamento.

2 JUSTIFICATIVA

O tema abordado, Método Natural e o Grafismo, é de extrema importância para a formação do indivíduo sendo, assim, um caminho favorável a seu desenvolvimento, e por ser uma forma de manifestação humana e criadora que possibilita a livre expressão, a comunicação, a reflexão e o desenvolvimento da imaginação. (RIZZO, 1998, p. 52).

Esse estudo buscou, portanto, aprimorar os conhecimentos da prática docente na proposta do Método Natural.

Pelo desenho, a criança deixa suas primeiras marcas, traços, rabiscos e círculos que aos poucos vão assumindo formas mais definidas. As marcas são nomeadas pelo outro e por ela mesma e começam a se tornar simbólica.

Percebeu-se que esse grafismo inicia a estrutura a alfabetização. Este trabalho buscou ampliar esse conhecimento, uma vez que ele proporciona aos alunos o prazer em produzir e criar seu próprio desenho e refletir sobre si mesmo e sobre o mundo. Tudo isso foi percebido no período em que esta educadora trabalhou com o Método Natural.

Para Piaget (1991), “o processo de desenvolvimento da construção do conhecimento segundo traços que ele constatou que caracterizam determinados períodos que se sucedem sempre numa mesma seqüência a que ele chamou de etapa”.

Esses traços marcam o comportamento intelectual e afetivo-social da criança, até que alcança a maturação que propicia à aprendizagem.

A alfabetização natural se realiza como um processo de estimulação das competências lingüísticas inatas no indivíduo e o leva a adquirir a leitura e a escrita a partir de sua própria linguagem, potencial e motivações naturais. No entanto, é através do grafismo que a criança expressa suas emoções. (RIZZO, 1998, p. 45).

3 PROBLEMATIZAÇÃO

Por ter uma afinidade com a arte-educação e atuar esta acadêmica sentiu necessidade de aprimorar sobre esse conhecimento, crescendo profissionalmente e perceber, cada vez mais a importância do desenho como uma atividade fundamental para a criança.

A criança desenha na rua, em casa, na escola e é através do grafismo que a criança se expressa na fala, no pensar e elabora sentido para o mundo, para os objetos e para as relações pessoais.

O aprofundamento no tema deve fazer com que esta acadêmica aprenda, também, a relacionar o desenho ao Método Natural onde, neste último, a aprendizagem é contínua e se diferencia das demais quanto ao desenvolvimento do grafismo, conforme observação, durante o tempo de atuação em uma escola que adota esse método.

No entanto, nesse período, não foi possível perceber como este método trabalha o grafismo no processo ensino-aprendizagem e quais as contribuições do mesmo para despertar a criatividade. Portanto, são estas lacunas que esta pesquisa pretende responder ao final da mesma. Partindo das seguintes questões como:

- Como o Método Natural percebe o grafismo no processo ensino-aprendizagem?
- Quais as contribuições do Método Natural ao desenvolvimento do grafismo?
- Quais as dificuldades da aplicação do Método Natural ao grafismo?
- Como é desenvolvida a criatividade no Método Natural?

4 OBJETIVOS

A presente pesquisa - Método Natural e Grafismo - pretendeu alcançar os seguintes objetivos:

4.1 OBJETIVO GERAL

Verificar a importância do Método Natural no processo do grafismo, percebendo suas contribuições para o processo ensino-aprendizagem.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as contribuições para o desenvolvimento do grafismo.
- Relacionar as contribuições do método para o processo ensino-aprendizagem
- Verificar as dificuldades da aplicação do Método Natural no grafismo.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A monografia apresentada divide-se em partes, o Método Natural e a sua relação com o grafismo; situações que propiciam ao aluno uma “expressão livre”; a evolução do grafismo infantil; seu desenvolvimento; e as etapas do desenho evolutivo.

O direcionamento do estudo foi baseado na perspectiva dos especialistas Florence de Merèdieu, (1995), Elias (1997), (2002), Paulo de Tarso, (2005), Gilda Rizzo, (1998), Edith Derdyk, (1989), Philippe Greid, (2004) e Elise Freinet, (1977).

5.1 A CRIANÇA

A criança é um ser em contínuo movimento. A vivência é a fonte do crescimento, o alicerce da construção de nossa identidade. A escola funciona como canal que operacionaliza, dentro da sociedade, a passagem de conteúdos que representam e participam de uma visão cultural, regional e universal do patrimônio humano de conhecimento. (DERDYK, 1989).

Sobre esse assunto, o autor comenta, ainda, que é fundamental o educador vivenciar essa prática e efetivar a linguagem expressiva, para que não realize erros grosseiros ao avaliar as garatujas e rabiscos aparentemente inúteis. Para o educador da pré-escola, é essencial observar essa interação entre as instâncias físicas, psíquicas, emocionais, culturais, biológicas, simbólicas, para o pleno desenvolvimento da criança. (DERDYK, 1989).

De acordo com Tarso (2005), a espécie humana não se desenvolve apenas por aspectos psicológicos. O hereditário e o biológico atuam no indivíduo ao mesmo tempo em que este sofre uma influência do meio circundante. Tarso revela, ainda, que é raro um adulto perceber com exatidão quando a criança enfrenta problemas e conflitos. O adulto poderia orientar e facilitar a adaptação da criança, mas geralmente isso não acontece, colocando-se como modelo ou exemplo. Espera que as ações das crianças sejam iguais as suas.

Korezak (1986 apud TARSO, 2005) descreve os dois principais tipos rotulados como “erros” que a criança comumente faz. O primeiro fato, das próprias convenções sociais e, o outro, o seu próprio aprendizado natural da experimentação, isto é, a criança aprende por si mesma, por meio da própria experiência. Segundo este autor, a diferença entre o adulto e a criança é que esta depende economicamente do primeiro.

Merédieu (1995) apresenta uma concepção relativa à infância, que se modifica progressivamente: a criança não é mais aquela “maquete” do adulto, aquele adulto “miniaturizado” que queriam ver nela. A descoberta de leis próprias da psique infantil, a originalidade de seu desenvolvimento, cresce a cada instante, onde o adulto não pode ser o modelo único. Ele acredita na expressão espontânea e originária, onde o desenho infantil adquire um valor exemplar, pois a criança realmente pinta e desenha pela primeira vez. É esta transformação das próprias molas do ato criador que permitiu a descoberta do universo gráfico e plástico.

5.2 O GRAFISMO INFANTIL

O grafismo infantil é uma forma de linguagem para a arte e para a ciência. É, portanto, um instrumento de conhecimento e um meio de comunicação e expressão. Desenhar é conhecer. É apropriar-se de conhecimento e uma integração entre os sentidos, a percepção e o pensamento. Essa interação com o universo gráfico infantil vai se concretizando na medida em que o adulto reconhece em si a sua capacidade de exercer o ato criativo (DERDYK, 1989).

Os autores Merédieu (1995) e Derdyk (1989) defendem a idéia de que o aluno seja encorajado a compreender as artes como uma linguagem de expressão e criatividade. Em todos os autores adotados neste trabalho é notória a crença na transformação do ser; que o uso da linguagem de expressão e criatividade influencia nesse processo de diferentes maneiras; e que a linguagem expressiva está bem presente nessa transformação.

A autora Merédieu (1995) destaca, em sua obra, que o desenho infantil tem despertado bastante interesse de pedagogos, psicólogos e de pessoas ligadas à educação infantil. Esses profissionais têm estudado as artes para identificar características de personalidade, fases ou estágios de desenvolvimento da criança. Ela afirma que, muitas vezes, os desenhos não têm sido analisados com seus valores devidos e que a implantação de modelos ou temas força e inibe a criatividade das crianças em suas criações.

Ainda, existe uma defasagem quando se refere à análise e comparação da produção infantil, ou seja, surgem alguns questionamentos como, por exemplo: Por que os observadores não levam em conta o “nascimento” da linguagem plástica e a relação entre a arte e o símbolo? Para Greig (2004), o “esgotamento” da expressão gráfica, é considerado a idade de ouro do desenho da criança.

Já o psicólogo Jean Piaget (1991, apud FONTANA, 1983, p. 43) acredita que a evolução do desenho é concomitante ao desenvolvimento do pensamento e, principalmente, à evolução do conhecimento sobre o espaço. Ele acredita, ainda, que a criança começa desenhando o que sabe de um personagem ou de um objeto, muito antes de exprimir graficamente o que nele vê, ou seja, a criança na faixa de 8-5 anos, seus desenhos são essencialmente realistas na intenção. Jean Piaget descreve as fases e etapas do desenvolvimento cognitivo, onde se preocupa em saber como o ser humano elabora seus conhecimentos sobre a realidade, chegando a construir, no decorrer de sua história, sistemas científicos complexos e com altos níveis de abstração. Piaget acredita que muito da resposta a essa indagação poderia ser encontrada no estudo do desenvolvimento do pensamento da criança.

A formação do pensamento só poderá ser completa na idade adulta, através da vivência nas experiências com objetos do conhecimento. A ação do indivíduo sobre o objeto no qual incorpora esses elementos que pertencem ao meio, chamado por Piaget de assimilação. O processo de acomodação é quando uma determinada pessoa lê um texto, ao mesmo tempo em que as idéias e os conceitos existentes, que o sujeito possui, são modificados. Observa-se que, quando a criança nasce, é dotada de reflexos como o de sucção e o de pressão os quais possibilita o bebê a lidar com o ambiente, pelo qual ele pode assimilar. Por meio dos esquemas de ação, a criança começa a

conhecer a realidade assimilando-a e atribuindo-lhe significações. Na noção de equilíbrio, a criança tem contato com o objeto entrando em conflito; para conhecer o objeto é necessário acomodar-se. No entanto, é importante conhecer a visão de diferentes autores e suas visões quanto às etapas do rabisco e do desenho infantil, ou seja, como acontece a sua evolução e suas etapas. (FONTANA, 1983).

Segundo Fontana, (1983) citando Jean Piaget (1991), “o desenvolvimento cognitivo se inicia a partir dos reflexos que gradualmente se transformam em esquemas de ação”.

Neste sentido, afirmou ainda Piaget que:

Os reflexos inatos respondem aos estímulos do meio, luz, sons, contrações faciais. O corpo reflete o mundo e ainda não se diferencia dele. Para reconhecer os objetos, os sujeitos têm que agir sobre eles e, por conseguinte, transformá-lo; têm que deslocá-los, agrupá-los, combiná-los, separá-los e juntá-los.

Assim, a criança representa o mundo externo e suas próprias ações, interiorizando conhecimentos. A diferenciação entre seu eu e o mundo deverá ser elaborada no plano da representação. A criança, centrada no seu próprio ponto de vista, ainda não é capaz de se colocar no lugar do outro, nem de avaliar seu próprio pensamento, conforme afirma Piaget (1991, apud FONTANA, 1983). A reversibilidade do pensamento possibilita à criança construir noções de conservação de massa, volume, entre outros. O pensamento reversível pode ser definido como a capacidade de levar em consideração uma série de operações que, revertidas, conduzem ao estado inicial.

Segundo a concepção de Vygotsky (1991 apud FONTANA, 1983, p. 145), o desenvolvimento posterior do desenho não é puramente mecânico nem tem explicação em si mesmo, sendo preciso que, num dado momento, a criança descubra que os traços feitos por elas podem significar algo.

Dessa forma, afirma Vygotsky (apud FONTANA, 1983, p. 127-147) “que a representação simbólica primária deve ser atribuída à fala. Sendo o desenho uma linguagem gráfica que surge tendo por base a linguagem verbal”. A criança não se preocupa com a representação da realidade, com a

representação daquilo que vê. Ao contrário, ela tenta, por meio do desenho, identificar, designar, indicar aspectos de determinados objetos.

Piaget (apud FONTANA, 1983, p. 150), também admite que o desenho da criança seja essencialmente realista na intenção; o sujeito começa desenhando o que sabe de um personagem ou de um objeto, muito antes de exprimir graficamente o que nele vê. Isto porque existe uma diferença fundamental entre ver em perspectiva e representar a perspectiva.

Greig (2004), psiquiatra e psicoterapeuta de formação analítica, renova a compreensão da evolução do desenho da criança, desde as primeiras rabiscagens até o esgotamento na adolescência. O autor mostra como esse desenvolvimento gráfico da criança traduz o impulso conjugado da afeição ao seu próximo e da afirmação de si como sujeito sexuado.

Piaget e Vygotsky (apud FONTANA, 1983) apresentam diferenças em suas interpretações do desenvolvimento infantil. O primeiro privilegia a maturação biológica, o outro privilegia o ambiente social. Para Piaget, o pensamento aparece antes da linguagem e Vygotsky afirma que o pensamento e a linguagem são processos interdependentes desde o início da vida. Para Piaget, a formação do pensamento depende da coordenação dos esquemas sensório-motor e não da linguagem. No entanto para Vygotsky, a linguagem intervém no desenvolvimento cognitivo. Ambos, entretanto, consideram que o desenho constitui uma espécie de conceitualização, representando um esforço de imitação do real.

Luquet e Piaget (apud FONTANA, 1983) supõem que, embora durante a maior parte da infância as crianças desenhem o que sabem, e não o que vêem, chegam a um realismo visual, etapa final do desenvolvimento do desenho. Ambos admitem que seja possível identificar etapas na evolução do desenho infantil, entretanto, elas as estruturam de forma diferenciada.

Segundo Tarso (2007) são considerados artes plásticas as referentes ao desenho, à pintura, à escultura e suas interligações e variações mistas. Neste sentido serão considerados também os termos arte ou desenho infantil. O autor coloca que a essência do desenho pode ou não ser considerado arte. No entanto os desenhos das crianças do mundo todo, há similaridade em configurações em relação à figura humana, à casa, às plantas. Há esqueleto estrutural semelhante às criações infantis, mais apresentam

também quanto às influências culturais distintas, informando suas experiências individuais, de modo pessoal.

Com todas as semelhanças e particularidades prevalece o caráter criativo de cada uma.

5.3 O DESENHO DA CRIANÇA

O estudo do desenho infantil data do fim do século XIX, época em que a criança podia ter acesso a papel e lápis, materiais que até então eram muito caros e, conseqüentemente, de uso restrito. (MERÉDIEU, 1979).

Na história do ensino das artes no Brasil, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL. MEC, 1997), o ensino das artes foi identificado pela visão humanista e filosófica. Na primeira metade do século XX, as disciplinas de desenho, trabalhos manuais, música e canto faziam parte do programa das escolas primárias e secundárias, concentradas na transmissão de um conhecimento pronto. Não existe segundo os Parâmetros curriculares, uma única abordagem sobre o desenvolvimento do desenho.

Tarso (2007, p. 99) faz uma citação importante quanto à posição do educador diante do desenho de uma criança:

A criatividade deve ser o embasamento de qualquer trabalho do aluno realizado em sala. É essencial dizer que mais vale valorizar e incentivar um desenho que pareça ser feio e esquisito, mas sem ser copiado, portanto criado pelo aluno, do que um desenho bonitinho que pareça com muitos outros desenhos de revista e gibis.

5.4 ETAPAS DO RABISCO

Segundo o estudo de Jean Piaget, o prazer próprio de rabiscar e a ausência de intenção de estar representando graficamente um objeto qualquer são características da fase de desenvolvimento. As crianças na fase do rabisco ainda não atribuem significados aos traçados, mas essa etapa é muito

importante para o desenvolvimento posterior, pois é no seu decorrer que as possíveis relações entre o lápis e o papel vão sendo compreendidas. Para Piaget, os rabiscos não se limitam ao espaço da folha; tudo é riscado, sendo, pouco a pouco, esses primeiros movimentos rítmicos sobre o papel, realizados com maior vigor e maior precisão de gesto. O conjunto desses avanços repercute nas produções gráficas originando as primeiras figuras, como “bolinhas e polígonos” etc. (FONTANA, 1983).

No entanto, Derdyk (1989) aborda que, quando a criança próxima aos 18 meses, pega ocasionalmente no lápis e descobre os seus registros no papel, vivencia corporalmente a ponta do lápis raspando na superfície. A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se afinar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico e que, em suas garatujas iniciais, a criança ainda não possui um discernimento capaz de distinguir sentimentos e percepção, nem um instrumental intelectual e perceptivo para efetuar comparações. Portanto, o rabisco é um trabalho essencialmente energético, não possuindo nenhum compromisso com a configuração. É de extrema importância esse contato entre o sujeito e os objetos de estudo como o lápis e o papel, onde ela realiza seus primeiros rabiscos e que, de alguma forma, tem um conteúdo e uma significação simbólica.

No entanto, afirma Piaget (apud FONTANA, 1983) que, ao firmarem os traçados, as crianças começam a nomeá-los, os que acabaram de realizar, mas, porém, o significado não se mantém porque não há nada no rabisco que remeta à criança algum objeto de sua realidade. Ao mesmo tempo em que os traçados vão sendo mais e mais interpretados, as crianças começam a anunciar o que pretendem fazer antes da execução. Essa busca intencional de representação marca o início da fase ou etapa do desenho propriamente dito, afirma Jean Piaget em suas pesquisas.

Para Greig (2004, p. 19) a criança começa a fazer os seus primeiros sinais gráficos sem muita firmeza no braço, à medida que vai treinando, seus desenhos vão ficando uniformes e passam a assumir um objeto. O movimento circular e o movimento de vaivém são os dois rabiscos de base desse período inicial.

O isolamento e o choro dominam os primeiros meses de vida, os gestos de bebê ainda não têm tradução gráfica. As primeiras palavras acompanham os primeiros passos e os rabiscos mais primitivos começam a deixar sua marca; depois, as primeiras frases encerram o segundo ano junto com os dois desenhos de base.

Contudo, percebe-se que a forma de pensar de Piaget e Greig é bem expressiva. Para o primeiro autor, a criança vai interpretando seus traçados na medida em que vai buscando novas representações e, para o segundo, ao treinar seus desenhos elas vai ficando uniforme e passa a assumir a forma essencial de um objeto.

“Partes e todo são percebidos por diferentes processos mentais. Portanto, a capacidade para ver um todo é inata, mas a capacidade para ver partes tem de ser desenvolvida através da atividade do cérebro e da vista”, o que afirma Kellog (1969 apud FONTANA, 1983).

Greig (2004) considera que a passagem do gesto ao traçado se faz primeiramente sem nenhum controle visual, apenas pelo prazer de se ver o movimento.

Esse momento está bem relacionado com a expressão lúdica, onde Tarso (2005) descreve que o indivíduo, ao criar plasticamente, necessita que a idéia inicial se desenvolva continuamente, perdurando todo o momento da execução de sua obra. O fazer deve estar coligado ao senso ideativo, numa sincronia entre o pensamento e a ação. Esse período imagético, que acompanha o fazer criativo, acontece graças à união de dois fatores; o lúdico e a expressão.

5.5 AS ETAPAS DO DESENHO

Antes de entrar na escola, a criança começa a ter um contato com o sinal convencional (cartazes, sinais de qualquer natureza), onde depois de conhecidos e compreendidos tornam-se espontâneos e usáveis em diferentes situações.

É nos primeiros desenhos ou garatujas das crianças que surgem sinais diferentes dos desenhos, indicados por elas como sinais escritos, podendo essa “escrita” estar ligada ao desenho ou afastada, podendo ou não acompanhar o desenho.

Freinet (1977, p. 4) destaca que, na escrita, o primeiro contato da criança com a língua escrita é o nome que a professora escreve nos seus desenhos. No decorrer desse processo, utilizam-se certos sinais primitivos associados à letra do nome.

Por volta dos 4 anos, a criança experimenta reproduzir corretamente o nome é a data no verso da folha onde desenhou. (FREINET, 1977, p. 48). Entre os 5 e 6 anos, a criança apropria-se dos elementos da linguagem escrita, utiliza elementos de histórias conhecidas e os aplicam na sua criação livre e espontânea, utilizando, ainda, palavras já conhecidas no seu meio, permitindo experimentar e adquirir uma compreensão da estrutura da fase. Pode-se perceber essa evolução através de desenhos realizados por crianças de 03 a 12 anos que estudam em uma escola que aplica o Método Natural. (Desenhos em Anexo).

5.6 EVOLUÇÃO DO DESENHO

Piaget (apud FONTANA, 1997) determina o momento da evolução do desenho como o momento de transição entre as duas grandes etapas. A criança se dá conta de que é capaz de criar graficamente uma idéia mediante marcas deixadas numa folha de papel ou em um suporte qualquer. Essa conquista representativa é, portanto, o critério que define a passagem de uma etapa para a outra e pode ser percebida na busca intencional de representar algo e dar nome àquilo que ela produz.

Para Merédieu (1974), aos poucos, a continuidade dos rabiscos é substituída por traços ocasionalmente interrompidos, pois a criança tira o lápis do papel e recomeça o que estava fazendo em outra parte da folha. Essa descontinuidade, obtida em virtude de as linhas se orientarem em diferentes direções, é um grande progresso. Desta forma, o autor compara os desenhos a

ações cinematográficas, que são mutações gráficas e plásticas, jogos de imagens análogos aos jogos de palavras; a função poética drena a cadeia de significantes, operando transferências e condensações.

Fontana (1997) menciona Luquet que distingue 4 estágios do grafismo infantil: o realismo fortuito (por volta dos dois anos); o realismo fracassado (que começa geralmente entre três e 4 anos); o realismo intelectual (4 anos); e o realismo visual (por volta dos 12 e, às vezes, desde os 8 e 9 anos). Essa terminologia de Luquet deixa muito a desejar, embora tenha sido o primeiro a distinguir as grandes etapas; sua análise é insuficientemente explicativa. Não explica o nascimento da representação figurativa e tampouco a passagem de um estágio a outro.

Merédieu (1974) relata que, através dos estudos de Luquet, não se fica sabendo por que o desenho, em certo momento, acaba por empobrecer-se e desaparecer.

Piaget (FONTANA, 1997) ao admitir a evolução do desenho infantil, considera que até os 8-9 anos, o desenho da criança “é essencialmente realista na intenção, o sujeito começa desenhando o que sabe de um personagem ou de um objeto, muito antes de exprimir graficamente o que nele vê”. Ele considera que o desenho constitui uma espécie de conceitualização, antes de se tornar cópia do real, estando submetido ao desenvolvimento do próprio pensamento da criança. Isso quer dizer que, embora realista na intenção, a semelhança entre o desenho da criança e a realidade é determinada pelo nível de conceitualização atingido em cada estágio, pelo seu pensamento.

Ao valorizar os rabiscos das crianças está incentivando-a a produção de seus desenhos de modo que ela vai procurar renová-los, desenhando mais e mais e criando assim seus próprios temas: bonecos, flor, sol, casa, bicho, balão, carro e árvores. A representação gráfica predominante nessa fase é o boneco, ou seja, a figura humana. Aos poucos, esses desenhos vão evoluindo e passam a ser representados e essas representações recebem nomes e significados. Os desenhos manifestam igualmente traçados individuais de personalidade. No entanto, Piaget e Luquet supõem que, embora durante a maior parte da infância as crianças desenhem o que sabem, e não o que vêem, elas chegam ao realismo visual, tido como a etapa final do desenvolvimento do

desenho. Eles consideram que as crianças, ao desenhar, são realistas na intenção, ou seja, têm como objetivo a representação realista do real. O fato de, apesar dessa intenção, elas não desenharem aquilo que vêem, deve-se ao seu nível de maturidade ao desenvolvimento cognitivo. Portanto, chegar a desenhar o que se vê seria, para Piaget e Luquet, o resultado natural do processo de desenvolvimento do desenho. (FONTANA, 1997).

Derdyk (1989) afirma que o desenho manifesta o desejo da representação, antes de mais nada; é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial. Ela é fiel às necessidades de seu sistema nervoso e às suas necessidades existenciais, tornando verdadeiros os seus gestos. É possível perceber claramente que os autores completam-se quando se referem ao desenvolvimento do desenho e ao fato de que a criança desenvolve a capacidade de visualizar e transformar passo a passo cada rabisco dentro de cada etapa, de forma organizada, seqüenciada e coerente.

Merédieu (1974, p. 40), pesquisadora francesa de arte, em seu trabalho sobre o desenho infantil, argumenta que a aprendizagem da perspectiva (necessária ao realismo visual) não pode ser encarada como natural. Ela considera que, da Renascença até o Impressionismo, a pintura esteve reduzida à representação do espaço perceptivo, considerado como o único espaço verdadeiro, chamando a atenção para a concepção de ensino do desenho baseado na observação e imitação do real.

Portanto, poucas crianças atingem esse “último estágio” do desenvolvimento do desenho sem terem recebido algum tipo de treino ou instrução especial. A maioria gradativamente abandona a atividade do desenho e, quando desenha, não chega a ultrapassar as formas próprias do estágio que Luquet (apud FONTANA, 1997) denominou realismo intelectual (4 anos).

Para Piaget (FONTANA, 1983), o desenvolvimento cognitivo destaca-se em 4 períodos principais:

Sensório-motor: 0 – 2 anos;

Pré-operacional – 2 - 7 anos;

Das operações concretas: 7, 11, 12 anos;

Das operações formais: 12 anos em diante.

O desenvolvimento sensório-motor, de zero a 24 meses, é o desenvolvimento da consciência do próprio corpo, diferenciado do restante do mundo físico; o desenvolvimento da inteligência nesta fase ocorre em três estágios: reflexos de fundo hereditário; organização das percepções e hábitos; e inteligência prática. (FONTANA, 1983).

Segundo Piaget (FONTANA, 1983), o crescimento motor é muito lento; o bebê leva trinta dias para levantar a cabeça e seis dias para enxergar com a nitidez e clareza do adulto. Ao nascer, a criança possui uma série de comportamentos reflexos como de sucção, preensão, etc. A criança age sobre o mundo, a inteligência é anterior à fala, o que será a diferenciação entre o corpo e os objetos externos. A criança reconhece inicialmente as outras pessoas, para depois se reconhecer, sendo também o período da rabiscação.

Para Derdyk (1989) os primeiros círculos em suas garatujas iniciais, a criança não possui um discernimento capaz de distinguir sentimentos e percepções nem um instrumental intelectual e perceptivo para efetuar comparações. Onde aborda que o corpo da criança é um bloco “uno”, não compreendendo aos 4 meses de idade, que a mão é parte de seu corpo, desta forma o sistema nervoso da criança ainda não está maduro o suficiente para permitir que ela pegue algum objeto e o manipule. Desenhar é, portanto, uma atividade lúdica, reunindo, como em todo jogo, o aspecto operacional e o imaginário. Todo ato de brincar reúne esses dois aspectos que sadiamente se correspondem.

Segundo Greig (2004), por volta dos 18 meses, o olhar da criança começa a seguir o movimento da mão, mesmo que ainda não consiga ter o controle. O período pré-operatório de 02 a 07 anos é a fase da representação, sendo o da qualidade da fala e do pensar sobre o objeto. Neste período, a criança torna-se capaz de tratar os objetos como símbolos de outras coisas.

Nesta fase, a criança consegue socializar-se e adquire valores de moralidade, surgindo também à fase do egocentrismo, onde a criança se sente e age como sendo o centro do mundo. Na irreversibilidade, a criança não consegue fazer uma operação e sim percebe que uma operação pode ter dois ou mais sentidos.

Segundo Derdyk (1989), aos 2 anos a criança torna-se capaz de extrair do “fundo móvel” de suas sensações elementos mais permanentes. Na

medida em que adquire uma noção de si mesma, ela passa a operar, interferir, rerepresentar, estabelecer analogias, detectando semelhanças e diferenças. Ela passa da ação em si à noção de si, da percepção indiferenciada à capacidade de emitir conceitos. Esses primeiros movimentos de círculos dão a noção de independência e uma conquista individual em que cada um tem o seu momento exclusivo.

Para a autora, a gênese do quadrado, do triângulo e do círculo possui motivações diferentes; eles elaboram-se em níveis e operações mentais diferentes. O círculo nasce de um movimento contínuo. O quadrado de movimentos descontínuos. Mas, conceitualmente, as principais formas geométricas elementares revestem-se, em seu aparecimento, de um significado similar. (DERDYK, 1989).

Tarso (2005) considera que a criança começa a desenhar quase sempre aos dois anos, levando em consideração apenas o efeito que o material utilizado produz. Desenha com rapidez não se importando com qual mão segura o lápis. Mesmo não tendo uma coordenação muscular segura, a criança risca em uma folha de papel geralmente linhas simples e curtas. Pouco tempo depois, já é capaz de fazer curvas fechadas, espirais e múltiplos círculos. Nessa fase, a criança já consegue se comunicar através de gestos, expressões e desenhos, apresentando um desenvolvimento na linguagem que possibilita compreender melhor algumas atitudes e gestos.

Segundo o autor Greig (2004), aos 2 anos a criança começa o controle visual do traçado onde a leva a acrescentar raios ao disco do sol ou o rabo ao corpo do rato e, depois de 6 meses, domina os traços.

Para Derdyk (1989), a explosão da linguagem acontece aos 2 anos de idade. No entanto, Greig (2004) relata que é no 3º ano, que acontece a explosão da linguagem acompanhando esse desenvolvimento da sociabilidade e esse é o ano de apogeu dos dois rabiscos de base.

Ele denomina como círculo e a figura-girino a passagem do traço para o círculo e para as primeiras figuras compostas. O “círculo” ou a figura fechada, nesse período, a verdadeira figura fechada, aparece aos poucos e apresenta falhas constantes, mas com características da intenção de fechar completamente a forma. Esse momento é notório. Na passagem do “duplo controle” surgem, portanto, o sol e a figura-girino que são os membros e

“continentes” de seu rosto. (GREIG, 2004, p. 31) O autor relata um aspecto importante: as primeiras figuras-girinos de uma criança precoce não se parecem com as de uma criança com a maturação bloqueada e tardia. Esse é o momento em que adquire a técnica. A figura fechada está associada com o corpo; outro aspecto interessante é com o desenho de uma mesa onde os pratos ou as toalhas flutuam acima dela, isto durante toda a educação infantil.

A criança passa de figura-girino ao ideograma. Aspecto de uma verdadeira linguagem (GREIG, 2004, p. 47). A criança de 3 anos aos 3 anos e meio desenha casas e traça, primeiro, uma figura fechada.

Derdyk (1989) descreve que, aproximadamente entre 3 e 4 anos, as crianças combinam os elementos gráficos demonstrando uma habilidade quanto ao uso da linha e da memória, na medida em que a criança congrega elementos, compondo-os. É possível constatar, também, certa maturidade intelectual para perceber as diferenças e semelhanças, para generalizar, abstrair, classificar, envolvendo conceitos. O ato de desenhar, até então, era fruto de uma ação e de uma percepção. Agora, ele passa a processar a percepção, emitindo conceitos.

A percepção de Derdyk (1989) vai ao encontro da linha de Piaget (apud FONTANA, 1997) quando este diz que o “desenho é a projeção no espaço do papel da percepção espacial vivida pela criança”. O espaço e a expressão espelham a percepção corporal que a criança tem de si própria.

Para Tarso (2005), a criança aos 3 anos possui o controle muscular para desenhar com firmeza. Apresenta uma apuração visual e mostra mais objetividade em seus rabiscos. Começa a dar nome ao que faz. Risca, com mais freqüência, curvas, ziguezagues e círculos imperfeitos. Inicialmente, os círculos são feitos em forma pura, aparecendo vazios, mas logo a criança começa a preenchê-los com riscos, até cruzá-los de diversas maneiras. Surgem os raios de sol e esses vão sendo, gradativamente, substituídos. Surgem as primeiras formas humanas com dois pequenos círculos representando os olhos, um ponto como se fosse o nariz, e um risco horizontal como a boca.

No período que compreende de 3 a 4 anos, Derdyk (1989) diz que a criança combina elementos gráficos, demonstrando uma habilidade ao uso da linha e da memória; quando ela compõe esses elementos, é notável a sua

maturidade intelectual, onde consegue abstrair, classificar e envolver conceitos. O ato de desenhar até então era fruto de uma ação e de uma percepção. No entanto, o desenho é a projeção no espaço do papel da percepção espacial vivida pela criança.

Greig (2004) também aponta essas mesmas características aos 3 anos: objetos soltos ao distribuí-los no papel, onde ele revela, ainda, que esse fato acontece em toda a educação infantil. Aos 4 anos a criança possui o domínio recém-adquirido do quadrado e aplica usualmente na casa e de forma cada vez mais clara os pequenos círculos ou as pequenas cruces, ocupando seu papel de porta e janelas, assim como a representação de animais a partir de formas fechadas. Nesse período, entre 3 e 4 anos, foi perceptível a posição dos autores de estarem coerentes com a teoria de Piaget; até então, todos complementam o trabalho e favorecem um amplo leque de situações que podem ajudar a desvendar esse mundo fantástico do desenho.

No período de 6–7 anos Derdyk (1989) cita que a criança já começa a descobrir e a se interessar pela noção de medida, de grandeza, de deslocamento dos objetos entre si. A observação torna-se um fato presente na busca de uma maior quantidade de repertório, auxiliando a constatação da causalidade dos fenômenos. As figuras representadas graficamente, por exemplo, assumem posições mais variadas. A capacidade de imaginar é de importância para o conhecimento, incluindo o conhecimento científico.

Tarso (2005) diz que, em geral, a partir dos 6 anos, a criança demonstra em seus desenhos as influências da cultura na qual está inserida, mostra também sua escala afetiva de valores. O autor relata que o bloqueio na figura-girino ou no “corpo impossível” é sempre indício de um problema e de um atraso na concepção gráfica, geralmente associado a outros atrasos e dificuldades sócio-familiares.

A figura-girino é bem presente aos 3 anos e meio; aos 4 anos anuncia-se à personagem com cabeça e corpo, ou seja, o período de creche termina com a figura de girino e, no primeiro ano da pré-escola, tem acesso à cabeça/corpo. Segundo o autor, em populações muito problemáticas com graves carências educativas, existem outras constatações. No entanto, surge uma progressão do desenho, por simples repetição do procedimento.

Tarso (2005) ao descrever que a partir dos 4 ou 5 anos a criança desenha com mais frequência, mais ainda distribui os objetos no papel de forma solta, desta forma a representação espacial se amplia, e as cores utilizadas são cada vez mais relacionadas com os elementos representados.

O período operatório concreto, dos 7 anos em diante, segundo Piaget, é a fase que a criança faz uso de objetos nos quais pode manipular e aplicar de acordo com sua vivência, possibilitando-a a construir noções de conservação de massa, volume e quantidade. (FONTANA, 1997).

Essa abordagem para Piaget é bem marcante aos sete anos. Já para Derdyk (1989), essas noções acontecem aos 6 anos.

É esse período que Greig (2004) determina como sendo o desenvolvimento e declínio da idade de ouro, marcada pela plenitude da personalidade, construção do esquema corporal. Aliado ao “esgotamento”, à expressão onde os conflitos do realismo entram na fase da pré-adolescência aos 12 anos. Este é o período da metamorfose e transformação da figura girino, onde a criança domina técnicas de desenho mais evoluídas. A criança passa a usar um espaço mais limitado, enriquecido pelo domínio das figuras longas e angulosas, experimentadas pelo fechamento do eixo vertical. (GREIG, 2004).

Merédieu (1974) não sinaliza ou indica nenhuma questão aos 6 anos, mas é possível observar quando relata sobre o desenho infantil e a escrita, diz que a evolução do desenho depende inteiramente da evolução da linguagem e da escrita, esta última exerce verdadeira fascinação sobre a criança, pois faz parte de uma linguagem secreta que ela não domina. Mais tarde, quando a criança atinge a idade escolar, a escrita passa a ser concorrente do desenho. Segundo este autor, os primeiros signos gráficos formam estilizações da figura humana, ou seja, a origem da escrita e desenho poderia derivar de uma projeção inconsciente do esquema corporal.

5.7 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.MEC,1997), a arte é a manifestação humana, que propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, e que caracteriza as experiências vividas pelo indivíduo, levando-o à sensibilidade, à percepção, à reflexão e à imaginação.

Este documento é dividido em duas partes (BRASIL.MEC,1997). A primeira contém o histórico da área no ensino fundamental e suas correlações com a produção em artes no campo educacional. A segunda parte relata a linguagem no ensino fundamental: artes visuais, dança, música e teatro. Nessa, o professor encontrará as questões relativas ao ensino e à aprendizagem para as quatro séries, os objetivos, conteúdos e critérios de avaliação, orientações didáticas e bibliográficas.

5.8 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ARTES

Na proposta geral dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.MEC, 1997), a arte é tão importante quanto às outras áreas. A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento e tudo é ordenado a partir das experiências dos alunos, possibilitando o seu desenvolvimento, a sua forma de percepção e imaginação, estabelecendo relações com o seu contexto histórico ou relacionando uma situação das artes a um determinado período histórico. Ex.: uma obra de arte antiga relacionada hoje com o seu dia-a-dia, fazendo com que o aluno seja crítico e observador da sua própria realidade.

Segundo os PCN (BRASIL MEC, 1997), com essa compreensão, o aluno será capaz de valorizar a arte de cada cultura, perceber, sentir e articular significados e valores que estão ao seu redor. O indivíduo que não tem experiência com a arte tem uma aprendizagem limitada, sem beleza e significações.

5.9 HISTÓRICO E PERSPECTIVAS DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.MEC,1997), o ensino da Arte é identificado pela visão humanista e filosófica. Na primeira metade do século XX, as disciplinas de desenho, trabalhos manuais, música e canto, faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentradas na transmissão de um conhecimento pronto.

Nas escolas tradicionais eram valorizados os trabalhos manuais, os “dons artísticos”. Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados de livros, domínio de técnicas, centrados na figura do professor e, aos alunos, seriam passados os códigos, conceitos e categorias ligados a padrões pré-estabelecidos, reprodução de modelos. As disciplinas de desenho, desenho natural e desenho pedagógico eram considerados mais por seu aspecto funcional do que uma experiência com artes; visavam somente à aplicação imediata e a qualificação para o trabalho (BRASIL. MEC, 1997).

Nos anos 20 e 70, as escolas vivenciaram novas experiências na aprendizagem de arte. No entanto, volta-se para o desenvolvimento natural da criança centrando no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram enfatizadas na repetição de modelos, passaram a ser redirecionadas para aulas de desenho e artes plásticas, com concepções mais expressivas e progressivas e valorização do aluno ativo, com novas descobertas e autonomia. (BRASIL. MEC, 1997).

A arte tomou novos rumos alimentando os movimentos culturais: a “semana da arte moderna” e surgiram inúmeros museus de arte moderna. Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas considerada “atividade educativa” e não disciplina: mesmo assim foi um avanço. (BRASIL. MEC, 1997, p. 28)

Com esse novo avanço, as aulas de desenho e artes plásticas assumiram grande importância, que buscando no aluno a espontaneidade e valorização do seu crescimento ativo e progressivo.

5.10 A ARTE E EDUCAÇÃO

Segundo o PCN (BRASIL.MEC,1997), a arte está presente desde o início da história da humanidade, com os homens das cavernas que, de alguma forma, expressavam seus sentimentos e vida com seus desenhos. A área que trata da educação escolar em artes é recente. Essas transformações surgiram a partir do século XX. Essas mudanças tiveram um grande poder de transformação da educação tradicional, que apenas transmitia conteúdos. Foram realizadas inúmeras pesquisas que perceberam a importância do desenvolvimento da criança, sobre o processo criador e outras culturas.

Outras áreas passaram a ter essa influência como a antropologia, a filosofia, a psicologia, a psicanálise e a psicopedagogia. Tais princípios reconheciam a arte da criança como manifestação espontânea e auto-expressiva; valorizavam a livre expressão e a sensibilização para a experimentação artística, como orientações que visavam o desenvolvimento do potencial criador. Com essas orientações, passou-se a valorizar a produção criadora da criança, o que não ocorria na escola tradicional. (BRASIL.MEC,1997). Segundo os Parâmetros, a professora destinava-se a um papel cada vez mais irrelevante e passivo e nada poderia ser passado para as crianças para que não se expressassem. Passou-se então a mudar a concepção de artes – o princípio da livre expressão, fazendo parte dos planejamentos com o objetivo fundamental que era o de facilitar o desenvolvimento criador da criança. Na década de 60, foi questionada basicamente a idéia do desenvolvimento espontâneo da expressão artística da criança e procurou-se definir a contribuição específica de arte para a educação do ser humano.

Todo esse processo encadeou dois movimentos: de um lado, a visão crítica à livre expressão; de outra a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento. O movimento da livre expressão questionava a aprendizagem artística como consequência automática do processo de maturação da criança. No início da década de 70, autores afirmavam que o desenvolvimento artístico seria resultado das formas complexas de aprendizagem que não ocorreria automaticamente à medida que a criança

crecesse e que a tarefa da professora era a de propiciar essa aprendizagem por meio de instrução. Para eles, as habilidades artísticas se desenvolviam por meio de questões que fossem apresentadas à criança e no decorrer de suas experiências buscando novos caminhos, sentimentos e imagens. No PCN (BRASIL.MEC, 1997) são levantados alguns questionamentos aos professores:

Que tipo de conhecimento caracteriza a arte?

Qual a contribuição específica que a arte traz para a educação do ser humano?

Com esses questionamentos, é possível fundamentar a arte dentro do currículo escolar?

A partir desse novo foco foi possível saber e entender o modo de aprender dos artistas.

5.11 CONTEÚDOS GERAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ARTES

Os conteúdos são propostos para serem trabalhados, conforme os critérios de seleção e ordenação, circunscritos nos PCN (BRASIL.MEC,1997), de acordo com as séries de 1ª a 8ª, sendo que os conteúdos de primeira a quarta série são definidos por modalidades artísticas específicas, tais como:

- A arte como expressão e comunicação do indivíduo;
- Elementos básicos das formas artísticas, modo de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte;
- Produtores em arte: vidas, épocas e produtos em conexões;
- Diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produção, reproduções e suas histórias;
- A arte na sociedade, as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação, momentos históricos. (BRASIL.MEC, 1997).

5.12 ARTES VISUAIS

Conforme os PCN (BRASIL.MEC, 1997), o estudo da visualização pode ser integrado aos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente. A escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências, de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística, pessoal e grupal. Os blocos de conteúdos de artes visuais para o primeiro e segundo ciclo são:

Expressão e comunicação na prática dos alunos em artes visuais:

- Assunto: artes visuais no fazer dos alunos: desenho, pintura, colagem, escultura, gravuras, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, história em quadrinho, produções informatizadas;
- Criação e construção de formas plásticas e visuais em espaços diversos (bidimensional e tridimensional);
- Observação e análise das formas que produzem e do processo pessoal nas suas correlações com as produções dos colegas;
- Consideração dos elementos básicos da linguagem visual em suas articulações nas imagens produzidas (relações entre ponto, linha, plano, cor, textura, forma, volume, luz, ritmo, movimento, equilíbrio);
- Reconhecimento e utilização dos elementos da linguagem visual representando, expressando e comunicando por imagens: desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, colagem, construção, etc...;
- Contato e reconhecimento das propriedades expressivas e construtivas dos materiais, suportes, instrumentos, procedimentos e técnicas na produção de formas visuais;
- Experimentação de diferentes materiais e técnicas (pincéis, lápis, giz de cera, papéis, tintas, argila) e outros meios (máquina fotográfica, vídeos, aparelhos de computação);
- Seleção e tomada de decisões com relação a materiais, técnicas, instrumentos na construção das formas visuais. (BRASIL.MEC, 1997).

As artes visuais como objeto de apreciação significativa:

- Convivência com produtos visuais (originais e reproduzidos) de diferentes regiões, nacionalidade e intencionalidade;
- Significado expressivo e comunicativo das formas visuais;
- Contato, reconhecimento e análise de formas visuais;
- Reconhecimento e experimentação de leitura dos elementos básicos da linguagem visual em diferentes culturas (linha, plano, cor, textura);

- Contato sensível, reconhecimento, observação e experimentação de leitura das formas visuais em diferentes meios de comunicação. Cartaz, televisão, vídeo, telas de computador, publicações;
- Reconhecimento e identificação de diferentes técnicas e procedimentos artísticos;
- Fala, escrita e outros registros (gráfico, áudio-gráfico, pictórico, sonoro, dramático). (BRASIL.MEC, 1997)

As artes visuais como produto cultural e histórico

A educação em artes visuais requer um trabalho continuamente informado sobre o mundo atual, segundo os PCN (BRASIL.MEC,1997), caracterizado por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, idéias e qualidades e, ainda, conhecendo um produto cultural e histórico que a artes visuais levam o indivíduo a:

- Observação, estudo e compreensão de diferentes obras de artes visuais, artistas, movimentos artísticos;
- Reconhecimento da importância das artes visuais na sociedade e na vida dos indivíduos;
- Identificação de produtores em artes visuais como agentes sociais de diferentes épocas;
- Pesquisa, fontes de vida, obras para reconhecimento e reflexão sobre a arte presente;
- Contato com diferentes leituras através de imagens e informações orais;
- Reconhecimento e valorização social da organização de sistemas para documentação, preservação e divulgação de bens culturais;
- Frequência e utilização das fontes de informação (museus, mostras, exposições, galerias, etc.);
- Elaboração de registros pessoais para sistematização e assimilação das experiências como formas visuais, informantes... (BRASIL. MEC, 1997).

5.13 CRIATIVIDADE

Segundo Tarso (2007, p. 19), o ser humano é capaz de criar uma relação muito importante entre o ser humano e sua capacidade, citando ainda que:

O desenvolvimento natural do ser humano é o melhor caminho para a criatividade, mas nem sempre a criança cresce sem problema. Na maioria das vezes, é o próprio adulto que, na ânsia de ensinar, causa bloqueios irreversíveis, prejudicando o desenrolar da criatividade da criança. (TARSO, 2007, p. 19)

É bastante aceitável que em outras disciplinas do currículo escolar a criatividade seja utilizada para melhor transmitir os conhecimentos e que pode

ser aplicado em qualquer idade, não apenas na área de artes. Para Kneller (1989, apud Tarso 2007, p. 19) “a criatividade é composta por vários modos de conhecimento e experiências. A mente há de exercitar-se para o pensar criativo ao mesmo tempo em que se prepara o pensar criativo ao mesmo tempo em que se prepara para o fazer lógico”.

No entanto, Tarso (2007 p. 19) enfatiza que, para se obter a forma intelectual plena, o pensamento criador deve ser cultivado. A educação precisa resgatar o talento do ser humano. A criança precisa expressar-se, sendo essa uma condição natural do ser humano, onde desenvolve um código de comunicação. Quando se retrata a criatividade, o desenho também é a representação gráfica, colorida ou não, de formas. As técnicas e matérias são inúmeras.

A história do desenho, no entanto, está ligada à evolução das técnicas, e para se compreender melhor, conhecendo as fases do desenho desenvolvido por crianças em diferentes faixas etárias. “A criatividade é a tônica para o ensino na área de artes independente da proposta da aula. O essencial sempre é que o aluno consiga criar” (TARSO, 2007, p. 72).

Conforme assinala Alencar (1995), o que vai indicar se um indivíduo é mais criativo que outro é a qualidade do produto final do processo criativo, levando em consideração uma série de fatores, internos e externos, que tiveram em jogo durante este processo.

Tanto Alencar (1995), enfatiza que criatividade é algo que todos nós temos em diferentes medidas e que pode ser desenvolvida em diferentes níveis. Desse modo, entende-se que todas as pessoas possuem potencialidades criativas as quais podem ser desenvolvidas e aprimoradas.

Na escola o professor é apontado como a pessoa mais importante na construção de um clima favorável à criatividade na sala de aula, podendo contribuir, também, para um ambiente refratário à expressão da criatividade. Por outro lado, como sujeito ativo e interativo, com traços de personalidade que identificam sua natureza pessoal, a conduta do professor na sala de aula, ou seja, a sua prática pedagógica é permeada por uma complexidade de fatores que agem como facilitadores e inibidores à expressão das suas habilidades criativas. (ALENCAR, 1995).

5.14 PEDAGOGIA DE FREINET: MÉTODO NATURAL

Para melhor entender a Pedagogia de Freinet utilizar-se-á, neste trabalho, Sampaio (2002, p. 14), que assim descreve sobre como Freinet utilizava o seu método:

Diariamente anotava aquilo que ouvia de seus alunos, registrava originais, os comportamentos de cada criança perante as novas situações, seus sucessos e fracassos... Com isso foi descobrindo os interesses, os problemas e a personalidade de cada criança, individualmente, a qual passava a ser objeto de seu carinho e preocupação.

Freinet buscou atender às necessidades das crianças, ao longo de suas observações; percebeu que haveria outras maneiras de melhorar os relacionamentos com as crianças e com ele próprio. Começou a fazer questionamentos quanto às normas educacionais, horários, filas levando-o pensar que motivações queriam essas crianças com essas regras; foi quando surge a idéia da aula-passeio. Percebia que o interesse das crianças estava fora da sala de aula. Para Freinet, era muito difícil abrir um livro e encontrar tudo pronto; foi então que sentiu a necessidade de criar uma nova técnica de aprendizagem da leitura. (SAMPAIO, 2002).

Segundo Freinet, citado por Sampaio (2002, p. 17):

A atividade espontânea, pessoal e produtiva, eis o ideal da escola ativa... Partir das atividades manuais e construtivas, partir de suas atividades mentais, de suas afeições, de seus interesses, de seus gostos predominantes, partir de suas manifestações morais e sociais tais como se apresentam na vida livre e natural de todos os dias, segundo as circunstâncias, os acontecimentos previstos ou imprevistos, que sobrevêm, eis o ponto inicial da educação.

Através dos fatos psíquicos da própria criança, a sensibilidade, a espontaneidade, a alegria de viver, Freinet expressou-se dizendo que “para conhecer, avaliar, ordenar e medir algo tão cambiante e fugidio como a alma da criança, precisa-se de ampla enquête, baseadas em documentos precisos e realizados em diversos meios e para diferentes idades.” (SAMPAIO, 2002, p. 50).

A visão de Freinet realmente estava voltada para uma pedagogia do futuro, quando ele descrevia que “somos capazes, agora, de estudar a vida das crianças em todos os meios e em todas as idades: seus pensamentos mais

íntimos, seus sonhos, suas brincadeiras, suas concepção de mundo”. No entanto, são por meio das tentativas experimentais que se podem analisar os comportamentos das crianças diante do desenho referenciado por Freinet. Elise Freinet escreveu artigos nos boletins defendendo o desenho como um dos meios mais eficazes para se conhecer a personalidade infantil.

Insistia Freinet (apud SAMPAIO 2002 p. 52) que os mesmo materiais poderiam ser utilizados de várias maneiras, conforme se pode perceber pela citação de “que o desenho, no trabalho com crianças pequenas, era equivalente à escrita”. Ela defendia, também, que era preciso compreender o desenvolvimento do grafismo infantil para se poder descobrir toda a riqueza contida na criança, ao se expressar pelo desenho, se ela o fizesse com plena liberdade, tanto para escolher o tema e o material necessário como para decidir o seu próprio ritmo de trabalho, o lugar e a melhor posição para realizá-lo. Cabe ao professor o papel de observador vigilante, discreto, sempre pronto para prover as necessidades do momento, estimulando e reforçando o entusiasmo da criança, o seu processo gráfico.

Elisa Freinet (1977), citando Freinet diz que:

Se atingir o superequilíbrio no andar pode apresentar-se nos como aquisição puramente mecânica e técnica, já não podemos por outro lado subestimar o aspecto superiormente intelectual da linguagem. Ajustar os movimentos subtis da língua e dos lábios a expressão de um pensamento impalpável é pelo menos tão intelectual como habituar a mão a traçar numa folha os sinais, que são apenas a transmissão material de um pensamento expresso através da linguagem. Seria, pois, inconcebível que o método natural que obtém cem por cento de êxito na aquisição da linguagem, não apresentasse a mesma eficácia quando se trata da leitura e da aquisição da linguagem.

Freinet (1977) demonstrava esta segunda etapa de expressão do pensamento pelo método natural, através da “experiência de Bal”, onde, a aprendizagem da língua, experiência que testemunha a aquisição simultânea e progressiva do desenho, da escrita, da leitura. Sobre esse assunto, essa autora comenta que:

Quaisquer que sejam as predisposições naturais que a criança traga em si, o desenho, a escrita, a leitura, devem ser considerados, não como um fim em si, mas como utensílios que sirvam ao máximo à elevação do ser. É preciso, ainda e sempre, partir modestamente de base, da experiência empírica, depois da experiência através de tentativas metódicas e científicas e aceder à apreensão gradual e íntima dos utensílios por um processo acelerado, permitindo a cada

indivíduo edificar a sua própria personalidade com um máximo de dignidade e de potência. (Freinet, 1977, p. 10).

Nesse sentido, o autor comenta ainda que ações naturais que a criança traz, tornam-se importante para seu desenvolvimento. Sobre esse assunto, Freinet (1977) comenta que “nas concepções de aceitação universal, o indivíduo constrói-se sobre uma base lógica e científica, partindo de elementos simples, definidos e conhecidos que, ao combinar-se com outros elementos simples, determinam e prefiguram o complexo da personalidade”. Percebe-se, portanto, que o conhecimento-se constrói sob uma base lógica, com fundamentos científicos. Ainda sobre o assunto, a autora cita que:

Na prática o processo normal para a aquisição das primeiras aprendizagens não é a que as escolas tradicionais concebem: leitura, escrita, tradução gráfica do pensamento, primeiro pela fala, em seguida pelo desenho e pela escrita, finalmente pelo reconhecimento de palavras e de frases até à compreensão do pensamento que traduzem, reconhecimento esse que é precisamente a leitura. (FREINET, 1977, p. 21).

No entanto, Freinet (1977) destaca tais tentativas experimentais como sendo a primeira fase, a tentativa de perfeição e, a fase seguinte, a motivação. Diante dos comportamentos, Freinet revela que não importam as regras gramaticais nessa primeira fase escolar. Os métodos tradicionais partem de ações intelectuais, teoria e de uma ciência abstrata para a prática, sendo essa ajustada ao comportamento. Entretanto, o método natural age sobre o caminho da vida normal, complexa e natural no sentido onde o indivíduo compara, investiga e descobre os seus próprios meios.

O aprender (ler, escrever) pelo método natural, na pedagogia de Freinet, será como aprender a andar, a falar, a desenhar, a pintar ou a dançar, respeitando a individualidade do ser. Deste modo, Freinet (1977) afirma:

Aprender a descobrir, a reconhecer e a utilizar os sinais da linguagem escrita (decodificação e codificação) pode corresponder entre os 5 e os 7 anos, à necessidade de decifrar o meio e de se apropriar dos seus sinais (palavras, símbolos, grafos). Assim, esta aprendizagem apóia-se na curiosidade infantil, que, por sua vez, cultiva e no íntimo vital que estimula, com a condição, porém, de por em jogo e desenvolver toda a vida afetiva da criança.

Contudo, compreende-se que a criança necessita expressar-se através de gestos, palavras, desenhos e, em seguida, desenvolver a linguagem escrita. Essas transcrições se dão pela influência de um contexto mais amplo, a partir das suas descobertas, sentimentos e emoções, onde esses contatos

diretos com o objeto refletem nas imagens mentais favorecendo a linguagem um medo de expressão e de comunicação. No entanto, o método natural não deixa de respeitar o desenvolvimento de cada criança e sua maturação. (FREINET, 1977).

6 METODOLOGIA

6.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem escolhida para o desenvolvimento desse trabalho foi a qualitativa que permitiu uma análise de todos os dados e materiais obtidos durante a pesquisa.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, sendo o principal instrumento para o pesquisador. Os dados coletados são descritivos, ricos em depoimentos, situações, acontecimentos, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

O pesquisador se preocupa mais com o processo do que com o produto, preocupando-se com a sua significação no contexto da pesquisa, e passa, ao longo da sua investigação, por três etapas: exploração, decisão e descoberta. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

6.2 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista (Apêndice) que, segundo Lüdke, André (1986, p. 33) é uma dos instrumentos básicos para a coleta de dados que permite a captação imediata e corrente das informações.

Está técnica é uma das principais técnicas de trabalho realizada em quase todo tipo de pesquisa utilizada nas ciências sociais. Ela desempenha

importante papel não apenas nas atividades científicas, mas em outras atividades humanas. (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

6.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES

Para o estudo do tema O Método Natural e o Grafismo, a escola escolhida foi da rede particular de ensino localizada no Lago Norte Plano-Piloto Brasília Distrito Federal, sendo uma escola que aplica o Método Natural. Esta escola atende a diferentes tipos de clientela, e realizam um trabalho de inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, fatos observados durante o período em que esta aluna era professora nesta escola. A instituição atende do maternal à 8ª série, possuindo um espaço apropriado e adequado ao ensino.

Os participantes da pesquisa foram uma coordenadora da Educação Infantil e três professores e crianças na faixa etária de 02 a 12 anos de idade, que foram envolvidas em atividades de desenho.

6.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

A monografia foi desenvolvida em diferentes fases que facilitou o desempenho de um bom aproveitamento. A fundamentação teórica foi realizada no período de março a outubro de 2007, tendo sido estudado vários autores com diferentes visões. Após a coleta de dados bibliográficos foi elaborado um instrumento, que foi aplicado nos meses de agosto e setembro, gerando dados para a análise da pesquisa. Finalizando a monografia com a redação final, e apresentação oral, que aconteceu em novembro de 2007.

6.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.5.1 Especificação das categorias selecionadas

As categorias selecionadas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

- Método Natural e o Grafismo no processo ensino-aprendizagem
- Contribuições do Método Natural para o grafismo
- Diferença do grafismo para outros métodos
- Contribuições do Método Natural à criatividade
- A interdisciplinaridade do Método Natural
- Dificuldades da aplicação do Método Natural
- Sugestões quanto à utilização do Método Natural

6.5.2 Organização, análise e discussão dos dados

As professoras entrevistadas são todas do sexo feminino, estando duas na faixa etária de 20 a 29 anos e uma de 30 a 39 anos e uma de 40 a 49 anos. Quanto à formação acadêmica, uma é professora e coordenadora pedagógica, uma com licenciatura em Educação Artística, e duas são pedagogas. Em relação ao tempo de magistério duas têm 10 anos e as outras entre 4 a 8 anos.

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas conforme a descrição a seguir:

- Método Natural e o Grafismo no processo ensino-aprendizagem

Professora A: “Nas experiências do dia-dia, nos centros de estimulação, principalmente na livre expressão em Artes Plásticas”.

Professora B: “Como elemento fundamental de expressão do conhecimento e como exercício das habilidades motoras finas ao traçar, pintar e distribuir espacialmente as partes que compõem a cena”.

Professora C: “Como atividade que proporciona meios para diagnosticar o desenvolvimento da criança enquanto organização espacial, levando a mesma a expressar livremente suas idéias e também no desenvolvimento motor”.

Professora D: “Ao realizar atividades que possibilitam um desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno, como desenho, habilidades motoras e espontaneidade e criatividade”.

As professoras entrevistadas, em seus relatos, falaram da importância de se expressar livremente, desenvolvendo na criança as habilidades motoras, a organização espacial, de acordo com as experiências do dia-a-dia, por meio de estímulos.

Freinet (1977, p. 21), destaca tais tentativas experimentais como sendo a primeira fase, a tentativa de perfeição e, a fase seguinte, a motivação. No entanto o Método Natural, não deixa de respeitar o desenvolvimento de cada criança e sua maturidade.

O grafismo infantil é uma forma de linguagem para a arte e para a ciência. É, portanto, um instrumento de conhecimento e um meio de comunicação e expressão; desenhar é conhecer.

Merédieu (1995) e Derdyk (1989) defendem a idéia de que o aluno deva ser encorajado a compreender a arte como uma linguagem de expressão e criatividade.

Portanto, a opinião das professoras A, B e C vai ao encontro com o pensamento dos autores adotados neste trabalho, quanto à crença na transformação do ser e de que o uso da linguagem de expressão e criatividade influencia nesse processo de diferentes maneiras, sendo que a linguagem expressiva está bem presente nesta transformação.

- Contribuições do Método Natural para o grafismo

Professora A: “O método contribui no desenvolvimento do aluno em todos os sentidos como: na coordenação motora fina, nas relações interpessoais”.

Professora B: “O método natural tem como princípio básico a expressão artística, pois acredita nesta fonte rica para bom desenvolvimento humano. O grafismo serve como instrumento de expressão (natural do ser humano), deve-se utiliza-lo diariamente com variedade de materiais”.

Professora C: “Contribui para que a criança desenvolva de forma natural sua criatividade, extravasem sentimentos e formem hábitos de concentração; todo esse trabalho, realizado em artes plásticas com pinturas, desenho com giz e outras técnicas”.

Professora D: “O Método Natural permite que a criança se expresse livremente, favorecendo um aprendizado espontâneo e criativo”.

Em relação às contribuições do Método Natural para o grafismo, e quanto à variedade de material todas as professoras confirmaram a importância do uso de materiais diversificados na aplicação do método.

Freinet (2002, p. 52) cita que os mesmos materiais poderiam ser utilizados de varias maneiras, conforme se pode perceber pela citação de “que o desenho no trabalho da criança pequena era equivalente às escritas”. Defendia, também, que era preciso compreender o desenvolvimento do grafismo infantil para se poder descobrir toda a riqueza contida na criança, desde que, ao se expressar-se pelo desenho, ela o fizesse com plena liberdade, tanto para escolher o tema e materiais necessários, como para decidir o seu próprio ritmo de trabalho, o lugar e a melhor posição para realizá-lo. Cabe ao professor o papel de observador, vigilante, discreto, sempre pronto para prover as necessidades do momento, estimulando e reforçando o entusiasmo da criança no seu processo gráfico.

- Diferença do grafismo para outros Métodos

Professora A: “O diferencial é a livre expressão e a estimulação que acontece a todo o momento”.

Professora B: “Posso dizer que o Método Natural dá o devido valor à expressão gráfica que começa com os rabiscos, seguidos de células, formas humanas, cenas simples e cenas complexas, culminando na escrita de letras e palavras. Percebo que a expressão livre criadora leva o indivíduo a uma aprendizagem prazerosa”.

Professora C: “No Método Natural o que diferencia é o respeito que temos com a criança no desenvolvimento de seus trabalhos, como criador de suas cenas simples, depois compostas de ricos elementos com imagens reconhecíveis e bem elaboradas”.

Professora D: “O Método Natural explora a criatividade a expressão livre da criança, permitindo que ela evolua livremente sem rotulações”.

O grande diferencial apontado pelas as professoras é que o Método Natural favorece a livre expressão e dá o devido valor à expressão gráfica, respeitando a criança e seu desenvolvimento, construindo elementos para criar imagens mais ricas e bem elaboradas.

Piaget (1991, apud FONTANA, 1983, p. 43), acredita que a evolução do desenho é concomitante ao desenvolvimento do pensamento é principalmente, a evolução do conhecimento sobre o espaço.

É importante destacar que segundo o PCN (BRASIL.MEC, 1997), o método tradicional não permitia e nem valorizava a produção criadora da criança. Ao professor destinava-se a um papel cada vez mais irrelevante e passivo e nada podia ser passado para as crianças, para que não se expressassem. Só posteriormente foi mudada a concepção de artes, com o princípio da livre expressão.

Todo esse processo encadeou dois movimentos: de um lado, a visão crítica à livre expressão; de outro lado, a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento.

Freinet (1977) revelou que os métodos tradicionais partiam de ações intelectuais, teoria e de uma ciência abstrata para a prática, sendo essa ajustada ao comportamento. Entretanto, o Método Natural age sobre o caminho da vida natural, complexa e natural, onde o indivíduo compara, investiga e descobre os seus próprios meios. Desta forma, o Método Natural não deixa de respeitar o desenvolvimento de cada criança e sua maturidade.

- Contribuições do Método Natural à criatividade

Professora A: “As atividades propostas são diversificadas; o aluno tem oportunidade de experimentar varias técnicas de produção e, o mais importante, é que essas atividades não são impostas e sim estimuladas, pois o aluno desenvolve todos esses processos com muito prazer”.

Professora B: “O Método Natural contribui possibilitando um espaço criador em sua rotina pedagógica, onde a criança pode criar, criativamente, pois é estimulada por meio de vivências práticas, pesquisas, brincadeiras, experiências científicas”.

Professora C: “O Método Natural propicia a liberdade de o aluno elaborar e criar seus desenhos, pois se têm inúmeras propostas e técnicas que a criança escolhe em artes plásticas, jogos pedagógicos, experiências científicas e vivências em grupo”.

Professora D: “O Método Natural possibilita um ambiente harmonioso e livre para a realização de uma atividade criativa. Portanto, dá condições para que a criança se desenvolva em todas as dimensões do conhecimento”.

Existe uma grande semelhança na fala das professoras com relação às atividades diversificadas, a não imposição das atividades, a livre escolha do

material para se desenvolver a criatividade, estimulando no aluno a sua própria criação, chamada de livre expressão.

Tarso (2007, p. 99), destaca a importância da posição do educador diante do desenho de uma criança:

A criatividade deve ser o embasamento de qualquer trabalho do aluno realizado em sala. É essencial dizer que mais vale valorizar e incentivar um desenho que pareça ser feio e esquisito, mas sem ser copiado, portanto criado pelo aluno, do que um desenho bonitinho que pareça com muitos outros desenhos de revista e gibis.

O interessante na fala da professoras A e C foi quando destacaram o uso das várias técnicas.

Para Tarso (2007, p. 72), a história do desenho está ligada à evolução das técnicas e para se compreender melhor conhecendo as fases do desenho desenvolvido por crianças em diferentes faixas etárias. A criatividade é a tônica para o ensino na área de artes, independente da proposta da aula. “O essencial sempre é que o aluno consiga criar”.

- A interdisciplinaridade no Método Natural

Professora A: “Acontece de forma natural e o aluno aprende brincando. Os conteúdos são aplicados de forma a respeitar o limite do aluno, assim trabalhamos as outras matérias com vivências, experimentação científica, observações, jogos, dinâmicas e outros”.

Professora B: “Na educação infantil, a interdisciplinaridade acontece de forma muito natural, pois os temas são abordados nos diferentes centros de estimulação, levando as crianças a interpretá-los em vários momentos, facilitando a sua compreensão e assimilação”.

Professora C: “Por meio dos centros de estimulação, onde abordamos assuntos de forma natural com conversas, levando a criança a elaborar seus próprios conceitos, mediando o conhecimento de forma lúdica e prazerosa”.

Professora D: “Na pré-escola ela acontece livremente, onde a criança tem espaço para brincar e aprender de forma conjunta e natural”.

Todas as professoras se posicionaram claramente quanto à interdisciplinaridade como um acontecimento espontâneo e natural.

Segundo Freinet, citado por Sampaio (2002, p. 17), o ponto inicial da educação é:

A atividade espontânea, pessoal e produtiva, eis o ideal da escola ativa... Partir das atividades manuais e construtivas, partir de suas atividades mentais, de suas afeições, de seus interesses, de seus gostos predominantes, partir de suas manifestações morais e sociais tais como se apresentam na vida livre e natural de todos os dias, segundo as circunstâncias, os acontecimentos previstos ou imprevistos, que sobrevêm [...].

No Método Natural, segundo a pedagogia de Freinet, a interdisciplinaridade acontece a todo o momento, desde a motivação até à aula-passeio Este autor ele percebia que o interesse das crianças estava fora da sala de aula. (FREINET, 1977).

- Dificuldades da aplicação do Método Natural

Professora A: “Na maioria das vezes a dificuldade está no professor, pois entram também a boa vontade, o interesse do professor e a identificação com o método”.

Professora B: “Como já disse anteriormente, a expressão gráfica é natural do ser humano. O Método Natural apropria-se desse recurso para enriquecê-lo, para tornar o desenvolvimento acadêmico dos alunos mais natural e prazeroso”.

Professora C: “O difícil é quando o educador coloca obstáculo em realizar alguma proposta; mas se ele não colocar obstáculo e se colocar aberto para atuar com o método natural tudo fica fácil e flui naturalmente”.

Professora D: “Na minha percepção não existe dificuldade de aplicação do Método Natural, mas sim de professores preparados para atuarem com esse método de educação”.

É perceptível para os professores que o Método Natural não é difícil de ser aplicado, mas a dificuldade, muitas vezes está na falta de interesse, na capacitação ou conhecimento, obstáculos esses que dificultam o seu trabalho.

O Método Natural tem como objetivo o desenvolvimento pleno, integral e harmonioso do indivíduo. (RIZZO, 1998, p. 49). Esta idéia vai ao encontro da Pedagogia de Freinet (apud ELIAS, 1997, p. 90), de que o principal fim da educação é o crescimento pessoal e social do indivíduo. Deve-se elevar a criança ao um máximo de humanidade, preparando-a, não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar em conhecimento, num constante “desabrochar”.

- Sugestões quanto à utilização do Método Natural

Professor A: “Ser dinâmico, criativo e buscar assuntos que estimulem os alunos, respeitando a individualidade destes; observar os grafismos de forma a relacionar seu comportamento em casa e na escola, pois o grafismo revela coisas da vida do aluno que às vezes só nós professores; que passamos tanto tempo com eles; percebemos”.

Professora B: “Professores devem criar um espaço na dinâmica pedagógica de suas aulas para a utilização da expressão plástica, incluindo desenhos, recortes e colagens, pinturas, modelagens, respeitando o que o ser humano traz de natural originalmente, e que sem percebermos retraímos, “podamos” ao longo dos anos. Não matem o poder de criação de seus alunos”.

Professora C: “Estimular os alunos, acreditar na proposta do Método Natural, respeitar o aluno na sua individualidade, ser dinâmico, ouvir os alunos e observar o que o aluno está trazendo em seu grafismo, cor, formas, riscos, pois por meio do desenho o aluno revela sentimentos positivos, negativos e sua maturidade. Se a criança tem um desenho ou grafismo alegre, colorido ele retrata suas alegrias e vivências do dia-a-dia de sua ‘vidinha”.

Professora D: “Professores procurem desenvolver em suas crianças o prazer pelo brincar e o aprender, de forma conjunta, possibilitando um ambiente pedagógico adequado para a livre expressão e auto-conhecimento”.

As sugestões propostas pelos professores para a utilização do Método Natural foram: a criatividade; o respeito à individualidade; o trabalho com assuntos estimulantes; diferentes propostas pedagógicas; recursos diferenciados; acreditar na proposta do Método Natural; valorizar o grafismo independentemente de sua forma e risco; observação dos sentimentos dos alunos na livre expressão; e o agir e pensar nas experiências. É relacionando essas sugestões que tudo isto poderá propiciar ao indivíduo ser criativo e reflexivo. No entanto, afirma Piaget (1991, apud FONTANA, 1983) que a criança representa o mundo externo e suas próprias ações interiorizam conhecimentos.

A diferenciação entre seu eu e o mundo deverá ser elaborada no plano da representação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

O Método Natural e o grafismo possibilitam a um bom desenvolvimento da criança, sendo facilitadores do processo de aprendizagem e espontaneidade. Portanto, o Método Natural tem como objetivo o desenvolvimento pleno, integral e harmonioso do indivíduo.

O trabalho diversificado, livre e criador é decorrente do interesse do aluno, deve ser de forma espontânea e possibilitar o despertar da criatividade.

Por meio deste trabalho, foi possível perceber que o grafismo não está sendo visto como algo cristalizado, acabado, ou como forma de distrair ou acalmar a criança, mas vem sendo trabalhado com objetividade, tendo seu real valor e importância.

É fundamental ver e perceber o desenho como um processo de aprendizagem, onde o indivíduo passa por diferentes fases, chegando à construção de seu próprio conhecimento. O professor tem um papel fundamental, nesse processo. Precisa valorizar o desenho, conduzindo os alunos à criatividade e não a “modelos prontos na lousa”. O desenho é o estágio anterior e preparatório para a linguagem escrita.

Partindo desse estudo, observou-se a importância do Método Natural e do grafismo para propiciarem às crianças uma reflexão contínua do conhecer, expresso através da arte e da criatividade, gerando a liberdade de expressão.

O desenho é a marca individual de cada ser, capaz de criar e estabelecer para cada um novos caminhos que possam ajudar no seu desenvolvimento psicomotor, propiciados por meio da criatividade e da concentração. A hora do desenho sempre se transforma em momentos de alegria ou de extrema concentração, sendo esse o envolvimento que a criança vivencia no desenho, usando todo seu corpo para executá-lo, fazendo uso da memória e exteriorizando-o pela palavra.

Portanto, é o momento de se repensar sobre a livre expressão dos alunos e professores. (FREINET, apud SAMPAIO, 2002).

Ao professor compete criar meios capazes de satisfazer as necessidades básicas da criança, dando a ela ferramentas para a construção do seu próprio

saber. A motivação é fundamental para o despertar criativo e inovador. “Educar não é uma fórmula de escola, mas uma obra de vida”. (FREINET, apud SAMPAIO, 2002, p. 117).

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. Criatividade. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1995.

BRASIL.MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN. Brasília: MEC, 1997. vol. 5.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho. Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREINET, Celéstin: Método Natural II a aprendizagem da escrita. Rio de Janeiro: Estampa, 1977.

FONTANA, Roseli; CRUZ Maria Nazaré: Psicologia e trabalho pedagógico. São Paulo: Atual, 1997.

GREIG, Philippe. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MERIDIEU, Florence de. O desenho: pedagogia do desenvolvimento infantil. Tradução de Álvaro Lorencini, Sandra M. Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1974.

RIZZO, Gilda. Alfabetização natural. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet: evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 2002.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do desenho infantil. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007.

_____. Fundamentos para o ensino das artes plásticas. Campinas: Alínea, 2005.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. A constituição social do desenho da criança. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

QUESTÕES

1 Como o Método Natural percebe o grafismo no processo ensino-aprendizagem?

2 Quais as contribuições do Método Natural no desenvolvimento do grafismo?

3 O Método Natural é diferente dos demais métodos, quanto ao desenvolvimento do grafismo? O que se pode perceber?

4 Quais as contribuições do Método Natural para o processo de criação e para a criatividade?

5 Como fica a questão da interdisciplinaridade no Método Natural e como ela acontece?

6 Quais as dificuldades da aplicação do Método Natural no grafismo?

7 Que sugestões você daria aos professores quanto à utilização do Método Natural para o desenvolvimento do grafismo?

ANEXO